

An illustration of a young boy with brown hair and a red nose, wearing a yellow hoodie and blue pants. He has a sad expression. A large, light-skinned hand is holding his right hand. The background is a dark, stylized city street at night with buildings and a bench.

Infância Migrante

a adaptação de crianças
venezuelanas em Florianópolis

Bruna Ferreira

Apresentação

Até o final de 2018, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) contabilizava mais de 70 milhões de pessoas deslocadas no mundo, sendo que desse total cerca de 26 milhões eram de pessoas refugiadas. O refúgio é uma categoria diferente dentro do contexto das migrações, visto que é uma migração forçada. Essas pessoas saem de seus países por motivos de perseguições, conflitos, violências ou violação dos direitos humanos. Os mais afetados por esta condição são as crianças. Segundo a ACNUR, 52% das pessoas em situação de refúgio no mundo são menores de 18 anos.

O Brasil sempre foi um dos destinos dessas famílias em busca de melhores condições de vida. Em 2019, o país possuía cerca de 43 mil pessoas reconhecidas com o status de refugiados e mais de cem

mil solicitações de refúgio. Desde 2015, os venezuelanos estão deixando o seu país. Atualmente eles lideram os pedidos de refúgio e o Brasil é o país com o maior número de venezuelanos reconhecidos da América Latina.

Infância Migrante: a adaptação de crianças venezuelanas em Florianópolis tem como objetivo narrar a jornada das crianças refugiadas venezuelanas até a chegada a capital catarinense, a partir do olhar das crianças de uma única família, apresentando suas dificuldades, dores e saudades no processo. Conhecer suas histórias permite refletir sobre um universo maior, que contempla não só aos refugiados venezuelanos no Brasil, mas a todos aqueles que vêm para o nosso país fugindo de seus países em busca de uma nova vida.

Expediente

Autora

Bruna Ferreira

Orientadora

Melina de la Barrera Ayres

Capa e infografia

João Vitor do Prado

Diagramação

Bruna Ferreira

Ilustrações

Freepic.bom
pt.vecteezy.com

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo no primeiro semestre de 2020

SUMÁRIO

04

Novo lar

08

Aprendendo na Ilha

11

Novos sentidos

13

Cruzando a fronteira

19

Sobrevivendo a mais uma crise

21

Uma realidade, muitas vidas

Novo lar

O dia está ensolarado e a sensação é que em algum momento alguém irá derreter dentro do ônibus 764 - Monte Serrat devido ao forte calor de final de janeiro. A cada parada mais pessoas entram querendo retornar para seus lares após um dia intenso de trabalho. Um sorriso de alívio se abre no rosto dos passageiros quando alguém se estica para alcançar a cordinha, pedindo para descer. Mais espaço livre, finalmente! O ponto próximo ao Parque Municipal do Morro da Cruz é o indicativo para descer. A caminhada para a casa de Carlos, Joseidys, José, Moisés, Josué e Daliangel é curta. Logo é possível avistar a velha escada em caracol com degraus de madeira desgastada e corrimão que um dia fora branco, mas hoje divide espaço com a ferrugem e os rangidos de cansaço.

Nhec,

Nhec,

Nhec,

Nhec.

Encarar essa escada é sinônimo de coragem, já que enquanto se roda em direção ao próximo pavimento a vista diante dos olhos é dos telhados de outras casas e algumas árvores. Não há nada além do corrimão enferrujado entre você e uma possível queda. Chegar ao último degrau é reconfortante para mim que morro de medo de altura. Com leves tremores, sigo pelo corredor estreito até a primeira porta.

— Oi? Com licença...

Sou recebida por Arnellys Betânia Patete, de 27 anos. A venezuelana vive no Brasil há três anos junto com o marido Erwin Ga-

zcon. Eles são os pais de Carlos, 12 anos, Moisés, de quatro anos, e Josué, de cinco anos. Ela me convida a entrar e me indica o sofá de dois lugares para que sente.

— Carlos está voltando do futebol e a Joseidys está tomando banho. O José já vem! - afirma.

Enquanto espero, observo o lugar. A casa é pequena. O espaço se divide em dois quartos, um cômodo central que ao mesmo tempo é cozinha, lavanderia e sala - que se resume ao pequeno sofá que me sento, e um banheiro. O local parece ter sido construído há pouco tempo. As paredes do lado de fora ainda estão no reboco, ou talvez os donos só não pintaram. Ninguém sabe a resposta. Perdida em meus pensamentos, não percebo a aproximação de três crianças pequenas que me encaram curiosas.

— *Eres periodista. ¿Vas a entrevistar a Carlos? Dónde está la cámara* - a frase sai ligeira e atropelada e faço cara de dúvida.

— Oi, não entendi?

— *Moisés, deja a la niña* - diz Betânia.

— *Yo no hice nada, solo estoy preguntando...* - responde Moisés

— O que ele quer? - pergunto para Betânia, que prefere ser chamada pelo nome mais brasileiro.

— Ele tá perguntando onde está a sua câmera.

Dou um sorriso para os pequenos, Moisés e Josué, os filhos mais novos de Betânia, e Daliangel, a caçulinha da casa, de três anos, que é sobrinha de Betânia, filha de sua irmã Daddifre Patete, de 29 anos.

Pego o celular do bolso da calça, explico que vou fazer tudo com ele e mostro alguns dos aplicativos que utilizo em minhas entrevistas. Eles ficam maravilhados, adoram um celular.

Nesse instante surge Carlos, suado, depois de uma partida de futebol. Ele bate na porta do banheiro, obrigando Joseidys a sair. A menina, de 10 anos, se apresenta toda arrumada, usando um vestido vermelho com uma sandália branca cheia de strass. Ela se junta ao irmão José, de oito anos, no quarto. Ambos são filhos de José Gomez, 32 anos, e sobrinhos de Betânia. Enquanto espero que fiquem prontos, tento entender as conversas. Eles falam em um espanhol acelerado. Compreendo pouco do que é dito. Quando todos estão arrumados, deixo que Carlos, Joseidys e José se acomodem no sofá e me sento no chão em frente a eles. Todos me olham com expectativa e se decepcionam quando vêem que vou fazer tudo pelo celular.

Ao atravessar a fronteira na cidade de Pacaraima, eles buscavam melhorar suas vidas e dar adeus aos sofrimentos passados na cidade natal.

Florianópolis é o segundo lar das crianças em terras brasileiras. Depois que saíram de Casacoima, uma pequena cidade no estado de Delta Amacuro, na Venezuela, há 582 km da capital Caracas, ficaram algum tempo morando em Boa Vista, capital de Roraima. Carlos residiu na cidade

por quase um ano. Fez a travessia com sua tia Daddifre, em maio 2018, pois sua mãe já residia na cidade desde 2017. Joseidys e José chegaram na cidade com o pai, alguns meses depois, em agosto de 2019, e permaneceram ali apenas um mês, já que a família havia se mudado para Florianópolis no começo daquele ano. A pouca oferta de trabalho, os baixos salários e a hostilidade de muitos roraimenses, frente a crescente entrada de venezuelanos no estado desde 2015, fez com que a família buscasse um novo lugar para morar que tivesse melhores condições e oportunidades.

A capital catarinense não era a primeira opção, o desejo inicial era ir para o Uruguai, mas o valor das passagens desanimou. Conversando com um conhecido, Erwin Gazcon soube que em Florianópolis existiam ótimas oportunidades de emprego, principalmente na temporada de verão, quando a cidade recebe os turistas. Juntando as poucas economias, comprou uma passagem aérea com destino ao sul do país. Desembarcou no Aeroporto Hercílio Luz em janeiro de 2019 e logo começou a trabalhar como ambulante, vendendo picolés nas praias da capital.

Enquanto o marido se organizava em Florianópolis, Betânia, que permaneceu em Boa Vista com as crianças, começou agilizar a documentação para se juntar a ele. Fez o pedido de interiorização junto a Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). A iniciativa abarca um dos pilares da Operação Acolhida, realizada desde 2018 em parceria com o governo brasileiro e outras instituições da sociedade civil de apoio a população imigrante. A notícia que a mudança aconteceria veio quatro meses depois, em maio, e rapidamente fi-



zeram as malas para a próxima cidade.

Ao chegar à ilha, Erwin alugou uma quitinete de um quarto aos pés do morro Monte Serrat, porém, o espaço ficou pequeno para abrigar os familiares que, gradativamente, começaram a sair da Venezuela. Viver no país se tornou insustentável: a falta comida, a segurança e os salários são extremamente baixos, o que incitou o aumento da violência. Ao atravessar a fronteira na cidade de Pacaraima, eles buscavam melhorar suas vidas e dar adeus aos sofrimentos passados na cidade natal. Segundo dados do Atlas Temático - Migrações Venezuelanas, atualmente o Brasil possui cerca de 38 mil imigrantes venezuelanos reconhecidos com o status de refugiados e outras 101 mil pessoas aguardando resposta aos seus pedidos de refúgio.

Desde 2017, a família vem, aos poucos, se despedindo da cidade natal. Hoje, quase todos moram no Monte Serrat, comunidade localizada no Morro da Cruz, no centro da Florianópolis. A pequena residência abriga catorze pessoas: Betânia, seu esposo Erwin e os três filhos, Carlos, Moisés e Josué; sua mãe Demelis Patete (52), seus irmãos Eduardo Lara (35), Nicker Lara (18) e Nick Lara (22) e sua irmã Daddifre com o marido José, a filha Daliangel e os dois enteados, Joseidys e José. Acomodar a todos no pequeno espaço não é fácil. No primeiro quarto, próximo à porta de entrada, dormem Betânia, o marido e os filhos.

No segundo cômodo, os irmãos Joseidys e José dividem o espaço com o restante da família. Em cada quarto há uma cama de casal que abriga poucos ocupantes, exigindo que parte dos moradores durma em colchões no chão, no pouco espaço que sobra no quarto. Os demais ambientes da casa são compartilhados por todos.

Apesar das dificuldades, nada impede a criatividade das crianças. Elas inventam brincadeiras, pinturas e histórias para passar o tempo na nova cidade. Entretanto, o objeto preferido - e de grande disputa - é a tela retangular do celular. Em meio a tantos aplicativos, os pequenos passam uma parte significativa do seu tempo no Youtube assistindo desenhos e músicas latinas.

Na Venezuela as coisas eram diferentes e as brincadeiras também. Joseidys adorava ir para a casa da avó há poucas quadras da sua. Lá havia um “pátio enorme” onde podia correr e brincar de pega pega com sua prima Emiliangel. José adorava ser o *porteiro* [goleiro] nos jogos de futebol e Carlos jogava beisebol, um esporte pouco praticado no Brasil, mas que na Venezuela é muito popular.

Com os olhos cheios de saudade e a voz abafada, Joseidys recorda com carinho da sua antiga residência, deixada para trás no dia 14 de agosto de 2019:

— *Mi casa era grande. Tenía tres dormitorios, una cocina con sala de estar y un baño. Yo vivía, mi hermano y mi padre. Mi casa era azul por fuera y blanca por dentro.*

A família de Carlos morava em um bairro próximo ao de Joseidys e José. Com os dedos, ele desenha os caminhos dentro de sua casa:

— *Mi abuela, yo, mis hermanos, mi madre, mi padrastro y mi tía y mi tío vivíamos*

en mi casa. En total había 13 personas. ¡Y mi casa era realmente grande! Desde la puerta se podían ver los muebles de mi abuela, a la izquierda estaba el baño y dos habitaciones, luego la cocina y otra habitación. Al fondo había un patio. Mi casa era azul con blanco.



Acostumados ao pequeno município às margens do Rio Orinoco, as crianças trocaram as altas temperaturas do norte pelo frio do sul e as ondas do mar. No pacote veio uma língua diferente, uma escola nova, uma casa nova, uma cultura nova com sabores estranhos e, principalmente, um sentimento nunca experimentado: a saudade. Apesar de entenderem que a mudança foi necessária, as crianças sentem falta dos amigos e familiares que ficaram para trás. Florianópolis tem aos poucos conquistado os pequenos com suas belas praias, shoppings e a arquitetura, que remete a época da colonização açoriana, porém nada apaga as lembranças de casa.

Eles nutrem a esperança de um dia retornar ao seus lares.

Da sacada da casa no Monte Serrat, observando as águas da avenida Beira-Mar, eles assistiram aos fogos de artifícios marcando a chegada de 2020. Um ano carregado de promessas, esperanças, mudanças e um forte desejo de que tudo “volte ao normal”. Há muito tempo não eram presenteados com as luzes da virada de mais um ano que recomeça, pois na Venezuela não se festejava mais.

— Não tinha mais ninguém lá – lamenta Carlos.

Joseidys adorava ir para a casa da avó há poucas quadras da sua. Lá havia um “pátio enorme” onde podia correr e brincar de pega pega com sua prima Emiliangel. José adorava ser o porteiro [goleiro] nos jogos de futebol e Carlos jogava beisebol,



Aprendendo na Ilha

2020 começou cheio de novidades para as crianças. Pela primeira vez os irmãos Joseidys e José pisariam em uma escola brasileira. Na manhã do dia 06 de fevereiro às aulas na rede municipal de ensino de Florianópolis dariam início e a pequena estava muito nervosa. Junto com Carlos, foi em direção ao seu novo destino: Escola de Educação Básica Padre Anchieta, no bairro da agrônômica. Saíram de casa cedo para pegar o ônibus na avenida Mauro Ramos, que os levaria a escola. Pontualmente às 07h45 estavam dentro das salas. A professora do 5º ano, assim que entrou, pediu para que alunos se apresentassem aos novos colegas e Joseidys muito timidamente falou:

— Oi, bom dia. Meu nome é Joseidys. Tenho 10 anos e sou da Venezuela.

Esse dia foi difícil. As comparações entre o passado e o presente eram inevitáveis. Joseidys sentia a falta dos amigos, do pátio grande da escola, no qual podia correr e brincar, e dos andares enormes do prédio que era seu refúgio. Para ela a escola nova era pequena, quando comparada com a antiga.

Os sentimentos que fervilhavam dentro de Carlos eram parecidos. Longe da Venezuela desde 2018, já estava acostumado com as escolas brasileiras. Durante os meses que morou em Boa Vista, sua mãe o matriculou em uma escola da cidade, onde fez o 4º ano. Quando se mudaram para Florianópolis, concluiu o 5º ano na Escola Municipal José Jacinto Cardoso, mas não pôde continuar lá, pois o colégio não possuía os anos subsequentes. Assim, a mu-

dança para o Padre Anchieta veio cheia de angústias. Era um novo recomeço.

A confirmação que José voltaria a sala de aula veio em março. O menino está no 1º ano do Instituto Estadual de Educação, escola aos pés do Monte Serrat, menos de dois quilômetros de sua casa. Aos poucos ele estava sendo alfabetizado e aprendendo a diferença entre dezenas e dúzias, conhecendo as festas típicas do novo país e as brincadeiras das crianças brasileiras.

Apesar de manterem vivas as lembranças da escola na Venezuela, há algum tempo as aulas no país vizinho não eram regulares. As escolas deixaram de oferecer a merenda aos alunos e, devidos os baixos salários, muitos professores saíram do país em busca de oportunidades ou se aventuraram em outras profissões na esperança de ganhar um pouco mais.

— Muitos professores foram embora, porque estavam ganhando muito pouco. O salário mal dá para servir uma refeição, quem dirá para comprar os materiais escolares. A coisa lá tá muito difícil. – compartilha Betânia.

Em uma reportagem traduzida do *New York Times*, o jornal *O Globo* publicou, em dezembro de 2019, um panorama da situação das instituições de ensino venezuelanas. Os relatos surpreendem ao contar que, devido a fome, algumas crianças chegam a desmaiar nas escolas. Para decidir se os filhos vão ou não para as aulas, as famílias usam como parâmetro a oferta de merenda. Essa foi uma das razões que pesaram na hora de Betânia e seu cunhado,

José, decidirem se mudar para o Brasil.

Eles sabiam que encontrariam um país muito diferente ao cruzarem a fronteira em Pacaraima e tentaram se preparar para as mudanças. O primeiro choque foi o idioma. Apesar do português e do espanhol serem muito parecidos, por compartilharem a mesma origem, o latim, a língua portuguesa apresenta características próprias. Muitas palavras espanholas ganham novas conotações quando traduzidas para o português. Um exemplo são as expressões ganancia e balcón, que traduzidas significam ganho e sacada, respectivamente.

Eles sabiam que encontrariam um país muito diferente ao cruzarem a fronteira em Pacaraima e tentaram se preparar para as mudanças.

O período que moraram em Boa Vista foi importante para a compreensão do idioma. Eles aprenderam na ‘marra’ o básico da língua e começaram a falar em portunhol. Quando falam carregam forte o sotaque venezuelano. Pensando em facilitar a inclusão e adaptação dos imigrantes que chegam à Florianópolis, o Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM-SC) começou a ofertar em 2018, de forma regular, aulas de português como língua de acolhimento. Diferente de um curso de português para estrangeiros que foca em ensinar gramática, as aulas oferecidas aos imigrantes tem por base orientar como funciona a localidade na qual estão inseridos, como se apresentar, como conseguir acessar os direitos básicos, como saúde e educação, por exemplo.

Em 2019, quem passava pelas portas

da Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus, no bairro José Mendes, todas as segundas-feiras, entre às 19h e 21h, encontrava um ambiente cheio de pessoas das mais diferentes nacionalidades, em busca de aprender um pouquinho do país que escolheram para viver. As aulas misturavam mulheres, homens, idosos, crianças e, principalmente, diferentes idiomas. No começo do projeto, o crioulo, idioma oficial do Haiti, era a língua mais presente nas aulas, porém, em meados de 2019, o espanhol passou a ganhar espaço.

As voluntárias Maria Luján e Kátia Santos, responsáveis por auxiliar as professoras em sala, começaram a perceber que as crianças e os adolescentes não estavam conseguindo acompanhar as dinâmicas das aulas e ficavam ouvindo músicas no fundo da sala. Por esta razão, decidiram apresentar um novo projeto à Pastoral: um curso de português nas férias de verão, voltado para os mais jovens. As aulas tiveram início no dia 6 de janeiro de 2020 e os primeiros alunos foram Carlos, Joseidys e José. A turma completa era composta por cinco venezuelanos e quatro haitianos.

Fazer um conteúdo que prendesse a atenção das crianças foi um desafio. Afinal, em plenas férias de verão, elas gostariam de estar aproveitando o tempo livre, antes do retorno do ano letivo. A solução foi trazer para as aulas brinquedos, comida e muita música. Nas atividades sobre comidas, Maria e Kátia levavam frutas típicas para as crianças reconhecerem os alimentos e sentirem seus sabores e texturas. Jogos de compras em supermercados eram apresentados como forma de fixar o conteúdo. As crianças prestavam atenção em cada detalhe, em especial José que se deliciava



com cada novo alimento.

Curiosas, elas se questionavam como determinadas palavras eram ditas no idioma dos colegas. As aulas que eram para aprender português, se transformavam em uma mistura de idiomas e trocas de experiências. O tempo passava voando!

— Como se fala perna em crioulo? — questionava Carlos animado.

— Janm — respondia o colega haitiano.

— E como se fala boca?

— Bouch.

— Pouth?

— No, B - o - u - c - h.

E assim os encontros seguiam.

Infelizmente, nem sempre as crianças

conseguiram ir às aulas. Alguns dias nenhuma delas aparecia. Preocupadas, as professoras tentavam saber se alguma coisa havia acontecido. Nem sempre recebiam respostas. Esses dias, no entanto, não as desanimavam, na semana seguinte lá estavam elas a espera dos alunos.

Ao final de cada encontro, vendo as crianças se soltarem a batida de cada nota e cantarem em um português enroscado e tímido, a sensação era de que valia a pena estar ali. Quando a música repetia o refrão, todos já sabiam a letra e em um tom alegre, gritavam:

— OHHH, ANNA JÚLIAAAAAAAA!!

Como estão as aulas de português durante a pandemia?

Em março, com o decreto nº 515 do governo de Santa Catarina declarando estado de emergência em todos os municípios e a suspensão das aulas - e tantos outros serviços, a professora de português e responsável pelas atividades da Pastoral do Migrante, Natalia Benatti, acreditava que as aulas logo voltariam a normalidade. Contudo, diante de tantas incertezas, começou a refletir sobre alternativas para continuar oferecendo aos imigrantes o ensino do idioma.

— Tem sido bem desafiador. No início da pandemia, como não tínhamos nenhuma perspectiva até quando durariam as medidas de isolamento, esperamos um pouco para iniciar algo a distância. Junto com outra professora voluntária, a Morena Porto, começamos a desenhar um curso adaptado para o Whatsapp, pensando no formato dos materiais que forneceremos, as atividades e a forma de interação - explica Natalia.

Ao todo o curso é composto por 10 aulas assíncronas e os alunos têm acesso a materiais em PDF e videoaulas curtas e explicativas, além de um período de sete dias para encaminhar as atividades para as professoras. Para surpresa das voluntárias, a receptividade dos alunos foi boa e mesmo aqueles

que não conseguem encaminhar as atividades ou interagir no grupo da turma, gostam de assistir os vídeos e aprender um pouquinho mais. O perfil dos estudantes não mudou muito do presencial, continua sendo em sua maioria imigrantes venezuelanos e haitianos, com idades entre 20 e 30 anos. Porém, parte dos alunos são de outras cidades do estado, o que destacou a importância de se criar um conteúdo de qualidade e a possibilidade de continuar com as atividades remotas mesmo após o retorno das aulas presenciais.

— Penso em continuar essas aulas a distância. A demanda pelas aulas de português vinda de pessoas de outras localidades além de Florianópolis, despertou a importância da oferta das aulas neste formato, visando contemplar os diferentes contextos. Seja pela falta de aulas na sua cidade, seja pelo pouco tempo disponível para estudar, um curso mais flexível e adaptado pode ser vantajoso.

Ainda não foi possível pensar uma adaptação que incluísse as crianças nos cursos, já que elas necessitam da intermediação de um adulto para terem acesso aos celulares. As voluntárias esperam poder incluí-las nas atividades no futuro.

Novos sentidos

A música faz parte da rotina das crianças. Sempre que conseguem permissão para usar os celulares dos pais, vão direito para o Youtube. Na plataforma ouvem suas músicas favoritas e se deixam levar pelos ritmos latinos. Joseidys, José e Carlos cantam animados e os mais novos arriscaram alguns passinhos desengonçados. É uma forma de se sentirem mais próximos de casa. Os gostos musicais, no entanto, estão mudando. Na lista, junto com o reggaeton, também há espaço para alguns ritmos brasileiros: funk e sertanejo. Pedi que me mostrassem as músicas que mais ouviam e de imediato saiu:

— *Cómo te llamas, baby?*

Desde que te vi supe que eras pa' mí

Dile a tus amigas que andamo' ready

Esto lo seguimo' en el after party.

As crianças se uniram em um coro animado que preencheu a casa com a música *Con Calma*, do porto-riquenho Daddy Yankee. Estavam felizes! Até os mais pequenos se juntaram a cantoria.

A novidade do momento é o aplicativo Tik Tok. Popularizado entre diversas celebridades e sucesso absoluto na quarentena, o aplicativo permite que as crianças se divertam em meio aos mais diferentes efeitos de vídeo e dublagem. No perfil do app, gostam de misturar áudios em espanhol e português. O produto final arranca várias risadas de toda a família.

Mas não só a internet que ocupa o tempo das crianças. Independente do que estejam fazendo, pontualmente às 17h45

param tudo para assistir as telenovelas da tarde do SBT. A única televisão da casa fica no quarto de Betânia. O ritual se repete diariamente: se reúnem no quarto e ali passam horas hipnotizadas pelas produções mexicanas veiculadas pelo canal. Emendam uma telenovela atrás da outra, ficando muitas vezes até a noite, quando são exibidas as telenovelas infantis. A produção preferida de Carlos, Joseidys e José era o folhetim “Meu Coração é Teu”, exibida pelo canal até abril de 2020.

— Eu adorava essa novela. Depois dessa, a gente assistia Beth, a feia em Nova York. Era muito engraçada. Das novelas do Brasil gosto mais de Cúmplices de um Resgate - conta Joseidys.

Quando moravam na Venezuela as crianças não tinham o hábito de ficar horas frente à televisão. Passavam o dia brincando com os primos e amigos. Pega pega, esconde-esconde e futebol faziam parte da animada programação ao ar livre. No Brasil não possuem a mesma liberdade. Betânia sente medo de deixar os filhos e sobrinhos se aventurarem na rua, apesar do pátio cimentado e relativamente grande da nova casa.

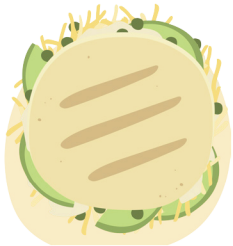
— Uma vez deixei Carlos brincar na rua com uns amiguinhos, mas aí descobri que algumas crianças estavam falando sobre facções e fiquei com medo. Não deixo mais eles brincarem lá fora. Não quero filho meu metido com essas coisas - confessa.

Para tirar as crianças um pouco de casa, José os leva para brincar no parquinho a



alguns metros dali. Nesses escassos momentos se distraem e gastam as energias acumulados no balanço e no escorrega. Porém, com a quarentena as coisas ficaram ainda mais difíceis. O isolamento tirou delas esses pequenos momentos de diversão, transformando a televisão na primeira (e quase única) opção de lazer.

Quando moravam na Venezuela as crianças não tinham o hábito de ficar horas frente à televisão.

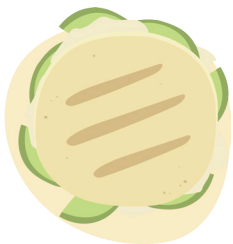


Com o auxílio desses meios tecnológicos, por momentos, a casa onde convivem tantas crianças, se torna um local tranquilo e silencioso. Quando ficam sem ter o que fazer a disputa é grande e a competição de quem grita mais também. Sempre há uma criança chamando, exigindo um brinquedo que o outro não deixa pegar, ou pedindo mais comida.



— Eu não sei mais o que fazer com esses meninos, toda hora eles querem comer alguma coisa. Não podem ouvir o barulho de algo abrindo que já vem pedir - comenta Betânia aos risos.

Cozinhar se tornou um passatempo nessa quarentena. Betânia já se arriscou a fazer pão, bolos, biscoitos e algumas comidas de sua terra natal: arepa e sopa com banana da terra é um dos pratos mais solicitados. Para ela, o sabor dos alimentos daqui não são iguais aos da Venezuela. A farinha de milho, principal ingrediente da massa da arepa, vendida nos supermercados da região é muito mais fina quando comparada as compradas em Casacoima. Ainda assim, não desiste, continua tentando manter a sua culinária nativa. Nada se



compara a comida de casa!

A gastronomia venezuelana é uma mistura de produtos de raízes indígenas e espanholas que combinados criam sabores e aromas únicos. Os destaques vão para o milho e a banana da terra que colorem e dão sabor aos diversos pratos. Os mais tradicionais são: arepa, um pão frito e recheado, feito a base de farinha de milho; a hallaca, também de milho, recheada com guisado e enrolada na folha de bananeira e o pavilhão, composto por feijão preto, arroz, carne desfiada e banana frita.

Toda essa variedade, aos poucos, começou a faltar na mesa da família. No último período vivido na Venezuela era difícil fazer todas as refeições do dia. O dinheiro era pouco. Aqui, apesar das dificuldades, não falta comida no prato. Nas refeições sempre tem arroz, feijão e uma mistura. Carlos gosta de cozinhar e muitas vezes se aventura no preparo de um prato para a família. Sua especialidade é arroz, frango frito e salada. A paixão pela cozinha é herança de sua avó materna Demelis, que durante seus primeiros anos o ensinou a arte de preparar uma boa refeição.

Para Betânia e José é importante manter suas raízes e identidades, já que o desejo é um dia retornar para casa. O Brasil é apenas um lar temporário em um momento de extrema dificuldade. Eles se esforçam para aprender os costumes, os jeitos e a “língua dos brasileiros”, mas dentro de casa, entre si, falam sua língua mãe: o espanhol e mantém suas tradições. Ao questioná-los sobre porque não usufruir os momentos em casa para praticar o português, responderam taxativos:

— Nós somos venezuelanos, é isso que somos.

Cruzando a fronteira

O contexto que levou as famílias de Carlos, Joseidys, José e tantas outras a deixarem a Venezuela é complexo e a cada dia fica mais difícil. A crise no país é um misto de problemas políticos e sociais iniciada a partir da desvalorização de seu principal produto de exportação: o petróleo. O país vizinho manteve a sua economia por muitos anos baseada na exportação do composto, não se preocupando em diversificar seus serviços em outros setores como indústria ou agricultura, importando a maioria das mercadorias. Enquanto o preço do barril de petróleo estava alto, os venezuelanos viviam bem, tendo como um ícone o então presidente Hugo Chávez, falecido em 2013. O declínio se iniciou quando, em 2014, o preço do barril começou a cair devido a alta oferta do produto, o aumento da produção de xisto e a recusa dos países árabes de diminuir suas produções.

Com a baixa entrada de dinheiro em caixa e a necessidade de continuar importando, o governo passou a contrair dívidas e, em pouco tempo, os alimentos passaram a faltar nas prateleiras dos supermercados. A moeda do país, o Bolívar, começou a se desvalorizar e a inflação aumentou. Ano após ano, os venezuelanos viram o seu salário perder valor e as dificuldades se tornarem diárias. O governo, na tentativa de segurar a inflação, passou a imprimir mais dinheiro, o que desvalorizou mais a moeda. Como medida para camuflar a alta nos preços, criou uma política cambial que obrigava os comerciantes a vender os produtos

abaixo do preço de custo. Resultando em muitos negócios falidos.

A constante desvalorização da moeda fez com que cada dia ficasse mais difícil comprar mantimentos. Erwin atravessou a fronteira entre a Venezuela e o Brasil, pela primeira vez, em agosto de 2017 em busca de melhores condições de vida. No mês seguinte retornou trazendo alimentos para a família. Em outubro se aventurou novamente em terras brasileiras com desejo de trazer mais comida. Entretanto, ficar indo e vindo era insustentável. Na época o salário mínimo na Venezuela equivalia a 97.531 Bolívares, o equivalente a 37 Dólares, com base no valor da moeda americana. Por isso, o retorno em novembro de 2017 foi decisivo: era hora de fazer as malas e buscar novas oportunidades. Todas as fichas foram apostadas no Brasil e, em dezembro daquele ano, Erwin, Betânia e os dois filhos menores rumaram para Boa Vista, deixando Carlos na Venezuela junto com a sua tia Daddifre.

— Foi muito difícil deixar meu filho para trás. Eu sempre estive com ele. Essa foi a primeira vez que nos separamos, mas eu prometi que buscaria ele. Viver em Boa Vista não foi fácil, nem sempre eu conseguia mandar dinheiro para ele, pois só meu marido trabalhava e ainda tínhamos que pagar o aluguel - lamenta Betânia ao recordar a difícil decisão de deixar Carlos aos cuidados da irmã.

Os parentes que ficaram viram seu país piorar de uma forma inimaginável nos últi-



mos três anos. A população começou a reagir e ir para as ruas, porém o governo de Nicolás Maduro, atual presidente eleito, não recebeu bem a iniciativa e respondeu com poderio militar.

— As coisas começaram a ficar loucas e perigosas. As pessoas passaram a ir para as ruas e a violência aumentou. Esse governo é louco. Lá não tem futuro hoje - conta José entristecido.

Enquanto os familiares tentavam sobreviver a crise na Venezuela, Betânia se esforçava para conseguir trazer o filho para junto de si. A solução encontrada foi pedir que a mãe também se mudasse para o Brasil. Dessa forma poderia trabalhar e mandar um pouco de dinheiro para Carlos, diminuindo a distância financeira e física entre eles. A separação durou cinco longos meses. Em maio de 2018, finalmente conseguiu juntar a quantia necessária para trazer o filho. Junto com ele, veio sua irmã Daddifre com a filha Daliangel, que na época era recém nascida. José permaneceu na Venezuela com Joseidys e o pequeno José.

Para Carlos, o momento de deixar a Venezuela, que deveria ser de felicidade, acabou sendo nublado, já que o menino teria que deixar seus colegas do time de beisebol. No dia seguinte a sua partida, seus amigos participaram de um jogo importante e saber que não alcançaram a vitória ainda o incomoda.

Essa despedida também foi difícil para José, já que não sabia quando voltaria a ver a esposa e sua garotinha. Para matar a saude, faziam vídeo chamadas sempre que possível. Embora sentisse todos os dias a dor da ausência, precisava focar nos dois filhos que continuavam com ele. Desde jovem, José trabalhou na Siderúrgica Del

Orinoco, no Estado de Bolívar. Começou como trabalhador da limpeza e cresceu até chegar na sala de operação. A empresa era boa, tinha bons benefícios como plano de saúde, pagava escolas particulares para os filhos dos funcionários, entre outros. Existiam boas oportunidades de crescimento, porém, com a crescente crise, a empresa parou de produzir e passou a demitir seus trabalhadores. José foi um deles. Sem emprego, viu-se obrigado a realizar alguns bicos, até que no dia 14 agosto de 2019, decidiu mudar-se para o Brasil junto à esposa e o restante da família. Naquele momento a desvalorização do bolívar chegava a um nível insustentável, com o salário mínimo beirando a casa dos 14.843,54 Bolívares por mês, que convertidos valiam cerca 2,76 Dólares.

A viagem da cidade de Casacoima até a fronteira em Pacaraima durou cerca de 12 horas de ônibus. Os metros finais entre as cidades de Santa Elena de Uairén e Pacaraima foram feitos andando. Uma distância de 15 km separa as duas cidades. Naquela noite, enquanto seus filhos dormiam, José não pregou os olhos preocupado com as incertezas do futuro em outro país, mas confiante de ter tomado a melhor decisão. Para conseguir sobreviver no Brasil, levou consigo 600 Dólares, que foram trocados na fronteira por 390,00 Reais cada 100 Dólares. Ao todo tinha 2.340,00 Reais para iniciar esse novo capítulo na sua vida da sua família. Quando chegaram em Pacaraima, precisaram tomar as vacinas e esperar pela permissão para entrada no país. De lá seguiram de táxi, durante três horas, até a capital do Estado de Roraima.

— O negócio de táxis é lucrativo na região [antes da pandemia], pois muitos ve-

enezuelanos atravessam a fronteira todos os dias. O moço que nos levou cobrou 50,00 Reais por pessoa. Ao todo gastei 150,00 Reais para chegar em Boa Vista.

Os adultos da família Patete sabiam que encontrariam um país muito diferente ao cruzarem a linha imaginária que divide Venezuela e Brasil. Durante a estadia na capital roraimense, sentiram na pele o pesar de não serem bem vindos. Ao caminharem pelas ruas da cidade, muitas pessoas os olhavam desconfiados; outros acreditavam que um olhar maldoso não era suficiente: era preciso expulsar os estrangeiros com palavras e atitudes mais duras. Carlos, ao relembrar os oito meses que morou na cidade, faz cara feia e diz categórico:

— Não gostei do jeito de ser dos brasileiros, eles brigam muito e são grosseiros. Aqui [Florianópolis] as pessoas são bem mais legais.

Existe uma crença no imaginário popular que refugiados são pessoas não ‘queridas’ em seus países e que, por isso, se aventuram em outros lugares. No caso da migração venezuelana, está presente no imaginário de muitos brasileiros, que essa tentativa se dá às suas custas, pois eles irão perder seus empregos e acesso a direitos básicos, como saúde e educação dando lugar aos refugiados. Baseados nessa crença, muitos se acham no direito de ofender e agredir imigrantes, sejam eles venezuelanos, ou de outras nacionalidades.

Antes do governo brasileiro fechar a fronteira com o país vizinho, como medida de segurança para evitar a propagação do novo coronavírus, a situação na região era problemática. Segundo dados do governo, em média, 800 pessoas deixam a Venezuela por dia e os atritos com os roraimenses



eram constantes. Em uma busca rápida pela internet é possível encontrar diversas reportagens retratando o aumento da violência na região e o descontentamento da população com os novos moradores. Contudo, vale ressaltar que essas crenças passam longe da verdade e suas atitudes de ódio são um crime e têm nome: xenofobia.

Em junho de 2019, o governo brasileiro, por meio do Comitê Nacional dos Refugiados (Conare), ligado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, reconheceu que o país vizinho vive uma grave e generalizada violação dos direitos humanos, garantindo à população venezuelana o status de re-

fugiados. Se estabelecer em um país com esse título significa que aquela pessoa não tem mais condições de viver em seu país de origem seja por motivos de perseguição, conflito, violência ou violação dos direitos humanos. Atualmente, o Brasil tem cerca de 38 mil imigrantes venezuelanos reconhecidos com refugiados.

Durante a sua curta estadia em Boa Vista, hospedado na casa de alguns amigos que ainda moravam na cidade, José precisou passar dois dias dormindo na rua para conseguir regularizar sua situação migratória e assim fazer o pedido de interiorização familiar junto a ACNUR. Desde abril de 2018, o governo brasileiro, em parceria com outras 100 instituições da sociedade civil, realiza no estado a Operação Acolhida que visa receber os venezuelanos que deixam seu país em busca de melhores condições de vida no Brasil.

O programa é dividido em três partes: acolhimento, abrigamento e interiorização. O primeiro eixo destina-se a garantir a identificação, regularização migratória, imunização e triagem dos imigrantes. Conforme os últimos dados disponibilizados pelo governo, em agosto deste ano, cerca de 264.865 mil venezuelanos realizaram o pedido de regularização migratória e, destes, 129.558 pediram residência no país. Após o atendimento inicial, caso a pessoa não tenha parentes ou amigos nas cidades próximas, e não tenha para onde ir, entra em ação o segundo eixo do projeto: abrigamento. Existem 13 abrigos ao todo, dois em Pararaima e onze em Boa Vista, divididos em três grupos: família, solteiros e indígenas. A ACNUR, em parceria com o Ministério da Cidadania, é responsável pela organização dos locais. As pessoas alocadas nos abri-

“A viagem foi engraçada. O avião fazia tec, tec, tec, tec, tec. Parecia que a gente tava andando em uma estrada esburacada” - conta rindo o pequeno José.

gos recebem três refeições diárias, kits de limpeza pessoal, aulas recreativas e de português, materiais para produção de artesanatos, além de acesso telefônico para que possam manter contato com os familiares que ficaram na Venezuela.

Já o último eixo, interiorização, consiste em deslocar os imigrantes venezuelanos para outros estados da federação. Para participar desta ação é necessário estar com todos os documentos e vacinas em dia, além de ter assinado o termo de voluntário. Quando a situação migratória de José estava concluída, foi simples solicitar a interiorização. Com os documentos em mãos, precisou confirmar que realmente tinha parentes em Florianópolis para que a viagem fosse liberada. Por WhatsApp sua esposa, Daddifre, encaminhou os documentos que comprovavam residência da família na capital catarinense. A liberação aconteceu em poucos dias. Em setembro estavam embarcando em um avião militar com destino a Florianópolis. O embarque foi realizado às 8h da manhã em Boa Vista e o desembarque por volta das 16h no aeroporto Hercílio Luz.

— A viagem foi engraçada. O avião fazia *tec tec tec tec tec. Parecia que a gente tava andando em uma estrada esburacada - conta rindo o pequeno José, que durante a viagem pode tomar uma latinha*

de Coca-cola gelada.

Ao desembarcarem, um ônibus militar estava à espera da família para levá-los para sua nova casa. Enquanto subiam a estrada no Monte Serrat, milhares de pensamentos passavam pela cabeça de José: um misto de dúvidas e alívio. Já as crianças olhavam encantadas a nova cidade, rodeada de água salgada e com uma vista de tirar o fôlego. Ao chegar no novo endereço, foi necessário que sua esposa assinasse um termo de responsabilidade pela estadia deles. Ao entrar na casa, José conseguiu ver pela primeira vez sua pequena garotinha que já havia crescido muito, após um ano afastados. O abraço e o choro foi inevitável, a família estava reunida novamente.

O processo da migração forçada é doloroso para quem fica e para quem vai. Crianças se vêem distantes dos pais, dos irmãos, de casa, de tudo aquilo que carregam como lar. Apesar de sorrirem, este ato é afetado, pois falta algo. No dia em que nos encontramos na casa, sentada no chão, olhando para as três crianças sentadas no sofá, meu coração ficou apertado. A pouca idade não foi empecilho para entenderem as durezas da vida.

Deixar tudo para trás e adentrar o desconhecido é um processo cheio de ansiedades, dúvidas e medos. Para as crianças isso é ainda pior. É na infância que os pequenos vão construindo suas identidades, gostos e assimilando o mundo ao seu redor. A psicóloga e mestrande na área de impactos da migração na infância, Laura Ruffier, pontua que as rupturas provocadas dentro do processo migratório podem desencadear sentimentos de insegurança, crises de choro e pesadelos, além do medo de serem deixadas novamente.

— Eu estava marcando um próximo encontro com uma menina venezuelana e no meio da conversa acabei comentando que iria me mudar [atualmente está na Noruega fazendo mestrado] e a menina deu um grito: “Você também vai me deixar?”. Aquilo me marcou muito. Essas crianças, muitas vezes, precisam se despedir dos parentes e não sabem quando os verão novamente. Isso impacta muito o psicológico delas.

Dessa experiência, o que fica evidente é a capacidade de resiliência de cada criança. Diante de tantos percalços aprendem a resolver seus problemas.

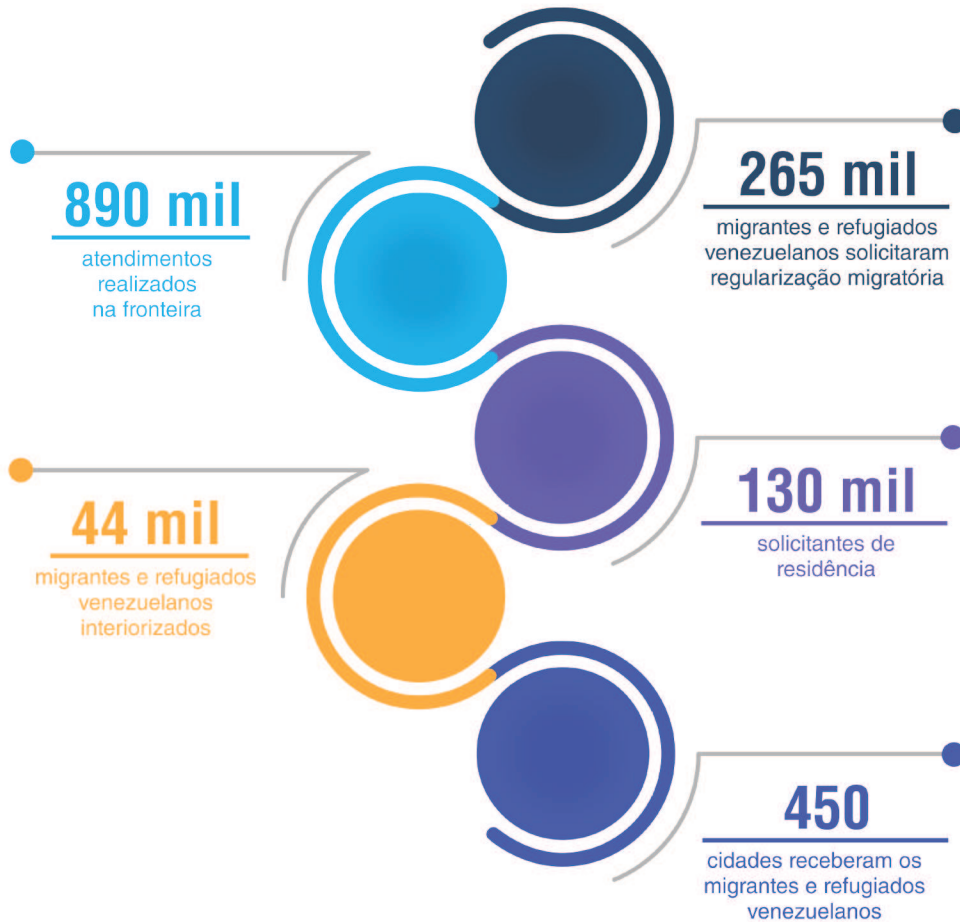
— Mesmo com tudo isso que essas crianças vivenciaram, elas possuem uma quantidade imensa de recursos internos para lidarem com as adversidades. O que eu percebi [durante o processo de construção do seu Trabalho de Conclusão de Curso] é que as crianças sabiam resolver diversas situações, principalmente na escola, onde muitas crianças iam correr para os pais, elas iam direto nos professores e falavam com os colegas para resolver os problemas - constata Laura.

Apesar dessa força interna, a saudade de casa está sempre presente. Em uma folha de papel rasurada, Joseidys guarda um de seus maiores tesouros: a ilustração de cada membro da família desenhada a mão com lápis de colorir. Obra que intitulou de *Libro familiar* e que guarda com carinho junto as poucas coisas que conseguiu trazer da Venezuela. Aonde quer que vá é isso que leva: a família. O restante ficou para trás.

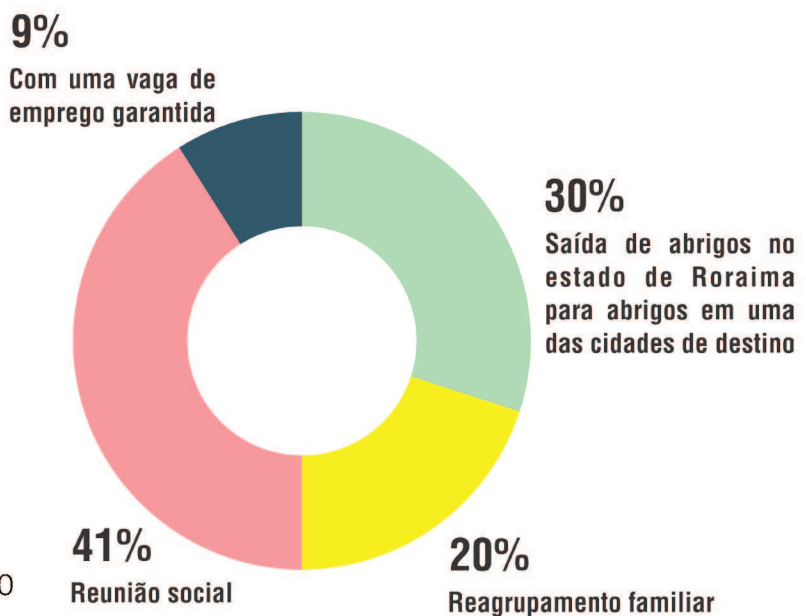


Operação Acolhida

em números



Modos de Interiorização



Fonte: governo federal 2020

Sobrevivendo a mais uma crise

No início de 2020, ninguém esperava que um vírus parasse o mundo inteiro de forma tão repentina. Hábitos e rotinas foram transformados: sair na rua, abraçar os amigos e estar perto das pessoas queridas precisou ficar em standby. A propagação do novo coronavírus, obrigou a Organização Mundial de Saúde (OMS) a declarar, em março, uma pandemia. A decisão se justifica pela rápida propagação do vírus pelos continentes e o contágio acelerado entre as pessoas.

No Brasil cada estado respondeu de modo diferente. Em Santa Catarina, como medida de contenção do vírus, o governo decretou estado de quarentena para todos os municípios. Do dia para à noite as ruas ficaram vazias, os ônibus pararam de circular, às escolas suspenderam as aulas, os negócios fecharam as portas e a população passou a conviver dentro de quatro paredes 24 horas por dia.

Com a parada brusca dos serviços, muitos negócios ficaram com dificuldades de manter os pagamentos de todos os funcionários, elevando a taxa de desemprego no país. Segundo dados do IBGE, em setembro o número de desempregados chegou a 13,5 milhões pessoas, cerca de 3,4 milhões a mais do que em maio deste ano. Betânia faz parte dessa estatística, em abril perdeu o emprego na área de serviços gerais e desde então está em busca de um novo trabalho. Para conseguir continuar pagando as contas e mandando um pouco de dinheiro para o restante da família que continua na Venezuela, se cadastrou no benefício do governo federal destinado

a ajudar aqueles que tiveram sua renda comprometida devido a pandemia: o auxílio emergencial. A aprovação do benefício veio rápido e durante cinco meses recebeu regularmente 1.200 Reais. Além dela, sua mãe, Demelis, também conseguiu receber o auxílio do governo.

Porém nem todos os imigrantes e refugiados que vivem em Florianópolis tiveram a mesma sorte. A dificuldade com o idioma e problemas na documentação fez com que muitos não conseguissem fazer seus cadastros no aplicativo *Caixa Tem*. Para auxiliar e facilitar o acesso a esse direito aos imigrantes, a organização não governamental Círculos de Hospitalidade (CH), sediada no bairro Saco dos Limões, criou uma força tarefa para auxiliá-los. Além da ajuda para adquirir o benefício, lançou nas redes sociais uma campanha emergencial para levar alimentos, roupas e produtos de higiene pessoal para esta população. Ao todo, desde março já foram entregues mais 1.600 cestas básicas, 5.000 roupas e 400 cobertores para cerca de 1.500 pessoas refugiadas de 15 nacionalidades.

Demelis, foi uma das beneficiadas com as cestas básicas doadas pela Instituição. Desde outubro, mãe e filha estão fazendo parte de um programa de empreendedorismo para imigrantes oferecido pela CH: o projeto Impulso. Destinado a ajudar venezuelanos e migrantes de países vizinhos ao Brasil, este projeto é realizado com o apoio da Organização Internacional para as Migrações (OIM) e com o financiamento da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Be-

tânia quer aproveitar este tempo para colocar em prática o que aprendeu no curso de designer de sobancelhas e assim garantir uma renda extra, enquanto não consegue um novo emprego.

Não só as finanças foram afetadas com a quarentena. Com o fechamento das escolas, os pais começaram a assumir uma nova função: de professores. Enquanto as aulas estavam suspensas, as crianças aproveitavam esse período de 'mini' férias para colocar os capítulos das telenovelas em dia. Contudo, com o retorno das atividades de maneira remota, a tela do celular se tornou a nova sala de aula. José, se viu perdido ao tentar ajudar o filho do meio, o pequeno José, com as atividades do 1º ano. Coisas simples como as datas festivas do Brasil, detalhes das lendas e histórias locais não estão dentro do rol de seus conhecimentos. A alternativa foi pedir ajuda. Sempre que tinham em mãos atividades que não compreendiam, eu recebia uma mensagem de áudio e, pelo Whatsapp, fazíamos juntos as tarefas. Quando tudo estava concluído José me mandava uma foto orgulhoso do filho com os cadernos nas mãos.

Para Carlos e Joseidys o ensino remoto não tem sido muito facilitado, uma vez que tiveram dificuldades para acessar os materiais e tarefas das aulas. A solução encontrada entre pais e professores foi a família buscar na escola as atividades impressas. Manter as crianças focadas nos estudos não é fácil, visto que em casa há muitas distrações. O espaço pequeno, não permite que tenham um local silencioso para estudar e a grande circulação de pessoas muitas vezes os distrai. Os crianças menores, que ainda não iniciaram a vida esco-

lar, em diversos momentos atrapalham as aulas dos maiores. Adoram ficar por perto vendo o que os irmãos e primos estão aprendendo.

A esperança era que este momento não se alongasse por meses, entretanto, a realidade nem sempre atende as expectativas. A adaptação dentro de casa e o convívio frequente com as mesmas pessoas despertou a necessidade de privacidade e individualidade de muitos. Conviver por tanto tempo reclusos, em um lar pequeno dividido entre 14 pessoas, não é fácil e fez surgir a ideia de ir em busca de uma casa maior que acomode todos de uma forma mais confortável. O problema é que na região, lugares que poderiam acomodar a todos estão fora do orçamento. Os mais em conta ficam nas cidades satélites de Florianópolis, dificultando a ida ao trabalho e a escola das crianças, quando retornarem.

Mas 2020 não foi só de sacrifícios. A chegada da pequena Luciannys, filha de Nick, irmão de Betânia, trouxe um pouco de esperança a um ano cheio de acontecimentos inesperados. Ela é a primeira brasileira a nascer na família. Enquanto curtem a bebezinha, o coração de Betânia e Daddifre se apertam preocupadas com o pai que continua na Venezuela. As chamadas de vídeo não apagam a saudade de quem ficou e o fechamento da fronteira entre os dois países, anunciado em março, impediu a vinda dele para Florianópolis. Apesar das dificuldades o desejo de reunir toda a família em solo brasileiro se mantém viva.



Uma realidade, muitas vidas

Migrar não é um evento novo. A humanidade é constituída por processos de migratórios desde sua origem. Só que nunca esse processo foi tão expressivo. Desde meados de 2011 os telejornais noticiam o drama de milhares de famílias que deixam seus lares na Síria e embarcam em jornadas que nem sempre levam ao outro lado do mar. Atualmente, o destaque se dá a migração venezuelana. Mais de cinco milhões de pessoas já deixaram a Venezuela em busca de melhores condições de vida. Segundo a ACNUR, o Brasil é o quinto país que mais recebe venezuelanos no mundo, ficando atrás da Colômbia, Peru, Estados Unidos e Espanha. Em dezembro de 2019, mais de 260 mil venezuelanos residiam no Brasil. A principal porta de entrada desses imigrantes se dá pela cidade de Pacaraima, no Estado de Roraima, fronteira com a cidade venezuelana de Santa Elena de Uaiarén. Porém, através do programa de interiorização do Projeto Acolhida, desde 2018 estão se espalhando por vários outros estados da federação. Hoje, os venezuelanos residem em mais de 450 cidades brasileiras dos estados de São Paulo, Amazonas, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. Esses estados compreendem cerca de 70% dos imigrantes interiorizados.

Em Santa Catarina, o principal destino é Florianópolis. De acordo com o Atlas Temático - Migrações Venezuelanas, residiam na capital catarinense, até janeiro de 2020,

cerca de 914 venezuelanos. Para garantir direitos aos novos residentes, foi aprovada em junho de 2020, a lei municipal nº 10.735 que cria uma Política Municipal para a População Migrante. Ao longo de 10 artigos, a nova lei tem como princípio:

“garantir ao imigrante e a sua família o acesso a direitos fundamentais e sociais e aos serviços públicos garantidos na Constituição Federal”.

Um dos motivos que levaram a criação da lei foi o fechamento do Centro de Referência e Acolhimento dos Imigrantes e Refugiados (CRAI-SC) em setembro de 2019. O CRAI, inaugurado em fevereiro de 2018, durante um ano e sete meses de funcionamento, atendeu cerca de 5,4 mil imigrantes de 58 nacionalidade. Os profissionais que atuavam na instituição auxiliavam na regularização migratória e no encaminhamento ao mercado de trabalho, acesso à educação e atendimento psicológico. Após o fechamento, os serviços foram encaminhados aos Centros de Referência de Assistência Social (Cras), o que dificultou e atrasou os atendimentos. A capital catarinense é uma das pioneiras no país na criação de uma política pública pensada para o população migrante. Além dela, só a cidade de São Paulo possui uma lei específica.

No âmbito estadual ainda não existe uma lei que atenda esta população. Desde 2019, trâmite na Assembleia Legislativa (ALESC) um Projeto que visa definir as

obrigações do municípios e do estado no acolhimento de imigrantes. Tanto a lei municipal quanto o projeto estadual se baseiam na nova lei de migração brasileira nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Esta substitui o antigo Estatuto do Estrangeiro (Lei nº 6.815, de 1980), escrito durante a ditadura militar, que enxergava os imigrantes como inimigos dos interesses nacionais. Aos olhos da nova lei, os imigrantes são vistos como cidadão de direitos, podendo ter:

“acesso igualitário e livre [...] a programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social”.

Apesar das novas garantias, os desafios encontrados no processo de adaptação são inúmeros. Para facilitar e auxiliar neste contexto, diversas instituições da sociedade civil oferecem suporte a esta população, como o Grupo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados de Florianópolis e Região (GAIRF), a ONG Círculos de Hospitalidade e o Serviço da Pastoral dos Migrantes (SPM), entre outras organizações. Das iniciativas que desenvolvem estão aulas de português, auxílio na regularização da situação migratória, busca por trabalho e vagas em

escolas, entre outros serviços que tentam facilitar a adaptação local dessas famílias.

Escolher sair de sua casa e adentrar o desconhecido dá medo. Não existem garantias de que as coisas darão certo, só a força de vontade para que a realidade mude. Se pudessem escolher Betânia, Erwin, Nicker, José, Daddifre, Demelis, Nick e Eduardo e tantos outros, venezuelanos ou de outras nacionalidades, hoje desejariam estar em sua terra natal, perto dos amigos e familiares.

Uma distância de 4.267 km separam Carlos, Joseidys, José, Moisés, Josué e Daliangel da Venezuela. Porém a Ilha, que muitos consideram mágica, tem lançado seus encantos nas crianças e, aos poucos, aqui estão construindo um novo lar junto à família. Dentro das quatro paredes da pequena residência essa distância quase some, pois quem importa está ali. A gritaria, as brigas, as risadas, os choros, as alegrias e o estridente:

— CAAAARRRLOOSSS!

Ecoam pelas paredes finas. Mas não incomoda. Apesar das dificuldades, eles sabem que tem sorte. Estão, juntos e seguros. É isso o que importa.



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer as minhas fontes que disponibilizaram algumas horas do seu dia e confiaram no meu trabalho para contar suas histórias. Espero ter transmitido, com fidelidade e respeito, suas jornadas, dores e esperanças de uma vida melhor em Florianópolis.

Quero deixar registrado também meu agradecimento a minha mãe, que durante esses quatro anos de graduação me deu o suporte necessário para que eu chegasse a esse momento. Muitos sacrifícios foram feitos nessa caminhada até aqui e não existem palavras suficientes para agradecer. Muita Obrigada, mãe! Ao meu irmão, Thiago, quero expressar minha gratidão. Você me incentivou lá no começo e me deu a certeza que tudo daria certo.

Ao meu namorado, João, obrigada pelo companheirismo, por ouvir minhas divagações e por ser meu primeiro leitor. Você soube entender minhas crises de ansiedade e me ajudou a superá-las. Sem o seu apoio, esse trabalho não teria saído do papel. Aos meus sogros, obrigada pelo espaço de estudo e por me receberem de braços abertos, mesmo nos dias mais loucos. E a dona Filomena, que me recebeu todos os dias em sua mesa quando eu não tinha tempo para cozinhar. Muito obrigada!

Quero agradecer também as minhas amigas do grupo Diferenciadas: Ana, Madu, Paula, Emily e Letícia. Vocês me fizeram sentir confiança e acreditaram em mim, mesmo quando eu duvidava da minha capacidade. Nossas conversas me ajudaram de uma forma que vocês não podem imaginar. Obrigada!

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os professores da graduação que durante esses anos compartilharam comigo os seus conhecimentos e me prepararam para o mercado de trabalho. Em especial, minha orientadora Melina, que soube respeitar todas as minhas limitações em 2020 (e não foram poucas), mas também soube me cobrar na hora certa e me ajudou a construir esse lindo trabalho. Minha eterna gratidão!

